

DOI: <https://doi.org/10.23925/ddem.v.3.n.15.73106>

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

**RESENHA DO LIVRO: DANDO UMA CHANCE JUSTA ÀS CRIANÇAS
(UMA ESTRATÉGIA QUE FUNCIONA)**

BOOK REVIEW: GIVING KIDS A FAIR CHANCE (A STRATEGY THAT WORKS)

RESEÑA DEL LIBRO: DAR A LOS NIÑOS UNA OPORTUNIDAD JUSTA (UNA
ESTRATEGIA QUE FUNCIONA)Camila Ernandes¹**RESUMO**

No livro *Dando uma chance justa às crianças - uma estratégia que funciona*, James J. Heckman argumenta que a origem da desigualdade social está nas experiências da primeira infância, especialmente em lares desfavorecidos. O autor demonstra que habilidades socioemocionais, como motivação e autocontrole, são tão importantes quanto as cognitivas e se formam nos primeiros anos de vida. Com base em estudos como os programas Perry Preschool e Abecedarian, Heckman defende que intervenções precoces geram impactos duradouros e maior retorno social e econômico do que ações tardias. Ele propõe uma política de “predistribuição”, que atue antes da desigualdade se consolidar, promovendo ambientes familiares mais ricos desde cedo. A obra é elogiada por sua base científica, mas criticada por ignorar questões estruturais, como pobreza, instituições falhas e o papel dos pais. Ainda assim, se destaca como uma contribuição relevante ao debate sobre políticas públicas eficazes para a redução da desigualdade.

Palavras-chave: Educação; Política educacional; Primeira infância; Capital humano.**ABSTRACT**

In his book *Giving Children a Fair Chance (a strategy that works)*, James J. Heckman argues that the origins of social inequality lie in early childhood experiences, especially in disadvantaged homes. The author demonstrates that socio-emotional skills, such as motivation and self-control, are as important as cognitive skills and are formed in the first years of life. Based on studies such as the Perry Preschool and Abecedarian programs, Heckman argues that early interventions generate lasting impacts and greater social and economic returns than late actions. He proposes a policy of “predistribution” that acts before inequality becomes entrenched, promoting richer family environments from an early age. The work is praised for its scientific basis, but criticized for ignoring structural issues, such as poverty, failed institutions and the role of parents. Nevertheless, it stands out as a relevant contribution to the debate on effective public policies to reduce inequality.

Keywords: Education; Educational policy; Early childhood; Human capital.

¹ Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FIEO (2008). Tem experiência na área de Educação. contato@aranduacademica.com.br. <https://orcid.org/0009-0002-9021-4389>

RESUMEN

En el libro *Giving Children a Fair Chance (a strategy that works)*, James J. Heckman sostiene que los orígenes de la desigualdad social se encuentran en las experiencias de la primera infancia, especialmente en hogares desfavorecidos. El autor demuestra que las habilidades socioemocionales, como la motivación y el autocontrol, son tan importantes como las habilidades cognitivas y se forman en los primeros años de vida. Basándose en estudios como los programas Perry Preschool y Abecedarian, Heckman sostiene que las intervenciones tempranas generan impactos duraderos y mayores retornos sociales y económicos que las acciones tardías. Propone una política de “predistribución” que actúe antes de que se instaure la desigualdad, promoviendo entornos familiares más ricos desde edades tempranas. El trabajo es elogiado por su base científica, pero criticado por ignorar cuestiones estructurales, como la pobreza, las instituciones fallidas y el papel de los padres. *Aún así*, se destaca como un aporte relevante al debate sobre políticas públicas efectivas para reducir la desigualdad.

Palabras clave: Educación; Política educativa; Primera infancia; Capital humano

FICHA CATALOGRÁFICA

Título: Giving Kids a Fair Chance (a strategy that works)

Editora: Mit Press

Autor: James J. Heckman

ISBN: 978-0262019132

RESENHA DO LIVRO: GIVING KIDS A FAIR CHANCE (a strategy that works)

No livro *Giving kids a fair chance (a strategy that works)*, o economista e Prêmio Nobel James J. Heckman apresenta um argumento poderoso e bem embasado: a desigualdade social e econômica nos Estados Unidos (e, por analogia, em diversas outras sociedades contemporâneas) tem raízes profundas na primeira infância. Por meio de uma síntese de estudos empíricos, análises econômicas e reflexões sociais, Heckman defende que o investimento em intervenções precoces - principalmente para crianças de famílias desfavorecidas - é não apenas mais justo, mas também mais eficaz e economicamente vantajoso do que políticas de remediação tardia. A obra é concisa, porém impactante, reunindo evidências científicas com forte potencial de influenciar políticas públicas e debates sobre justiça social.

O ponto de partida de Heckman é contundente: o "acidente de nascimento" - ou seja, a família e o ambiente em que a criança nasce - é o principal determinante das chances de vida.

Embora a sociedade celebre a ideia de igualdade de oportunidades, a realidade é que crianças que nascem em lares desfavorecidos têm menos probabilidade de desenvolver as habilidades cognitivas e socioemocionais necessárias para o sucesso escolar, profissional e pessoal. Como consequência, enfrentam maiores riscos de evasão escolar, baixa renda, gravidez precoce, doenças e envolvimento com o crime. Para Heckman, não se trata apenas de uma questão ética, mas também de desperdício de capital humano.

Uma das contribuições mais valiosas do livro está na distinção entre habilidades cognitivas (como leitura, escrita e raciocínio lógico) e habilidades não cognitivas (como perseverança, controle emocional, motivação e autoconfiança). Heckman argumenta que ambas são igualmente importantes para o sucesso na vida, e que o desenvolvimento dessas competências ocorre principalmente nos primeiros anos de vida. Ignorar essa realidade, segundo ele, significa perpetuar desigualdades que se manifestam já na entrada da criança na escola e tendem a se aprofundar com o tempo.

Heckman mostra, com apoio de estudos empíricos e dados, que a qualidade do ambiente familiar exerce enorme influência sobre o desenvolvimento infantil. A presença de estímulos cognitivos (como leitura e conversação), estabilidade emocional, apoio parental e ausência de traumas são fatores decisivos. Por outro lado, a simples presença de dois pais ou uma renda familiar elevada, embora relevantes, não são suficientes se o ambiente familiar for negligente, violento ou pouco estimulante. A análise do autor também destaca a crescente proporção de crianças criadas em lares monoparentais, sobretudo por mães solteiras, e os desafios associados à paternidade ausente e à instabilidade familiar. Ele reconhece, no entanto, que não se trata de moralismo familiar, mas de uma constatação empírica da correlação entre apoio parental e sucesso infantil.

A maior parte do livro é dedicada a defender as intervenções precoces como política pública prioritária. Heckman analisa programas como o *Perry Preschool Project* e o *Abecedarian Project*, que demonstraram benefícios duradouros para crianças em situação de vulnerabilidade, como melhor desempenho escolar, maior empregabilidade, menores taxas de encarceramento e maior estabilidade familiar. O autor destaca que os ganhos não se limitam ao QI, mas envolvem transformações no comportamento, na disciplina, na capacidade de estabelecer metas e no engajamento social. Essas intervenções, conforme demonstrado, têm uma taxa de retorno econômico superior a políticas tradicionais, como redução de tamanho de turmas, programas de treinamento para adultos ou reforço escolar tardio. Em outras palavras, quanto mais cedo se intervém, mais produtivos são os esforços subsequentes.

Heckman faz uma crítica direta às políticas públicas voltadas para adolescentes e adultos que cresceram em contextos adversos sem apoio inicial. Embora não despreze a importância de programas de reabilitação, alfabetização e formação profissional, ele mostra que, isoladamente, tais estratégias apresentam baixa taxa de retorno e resultados limitados. A raiz do problema - afirma o autor - está na falta de investimento nos primeiros anos de vida, e não na adolescência. No entanto, Heckman reconhece que algumas habilidades não cognitivas, como motivação e responsabilidade, ainda podem ser desenvolvidas na juventude. Mas defende que tais políticas devem ser complementares, nunca substitutas das intervenções iniciais.

O autor dedica parte da obra a responder questões práticas: quem deve ser o público-alvo das intervenções? Quem deve fornecê-las? Como financiar? Heckman advoga por um sistema misto, que envolva governo, iniciativa privada e organizações comunitárias, e propõe que os programas sejam culturalmente sensíveis, respeitando a diversidade social e familiar. Ele também propõe modelos universais com escalonamento de custo conforme a renda, para evitar estigmatização dos pobres e promover adesão mais ampla. Entre os principais desafios apontados estão: garantir a qualidade dos programas em larga escala, evitar imposições culturais indevidas e conciliar as necessidades das crianças com as expectativas e valores dos pais. Ainda assim, Heckman acredita que esses obstáculos podem ser superados com projetos bem estruturados e foco no desenvolvimento integral da criança.

O livro inclui um fórum com comentários críticos de outros especialistas. As críticas se concentram em três pontos: (1) a idealização das intervenções precoces, sem considerar as dificuldades de escalabilidade; (2) a ênfase exagerada na figura materna, com pouca atenção à paternidade ou às condições estruturais de pobreza; e (3) a possível negligência de programas eficazes voltados para adolescentes e adultos, como mentorias, oficinas e intervenções motivacionais. Especialmente relevante é a crítica feminista de Robin West, que aponta como a obra reforça um ideal de maternidade sobrecarregado, ignorando os potenciais benefícios sociais das políticas de apoio direto às mulheres. Outros, como Annette Lareau, alertam para o papel das instituições na perpetuação de desigualdades, além do ambiente familiar.

O argumento final de Heckman é conceitualmente inovador: em vez de focar em políticas de redistribuição da renda, devemos adotar políticas de predistribuição - que atuem antes que as desigualdades se consolidem. Investir na primeira infância, segundo ele, é a forma mais eficiente de construir uma sociedade mais justa, produtiva e saudável. É também uma forma de promover não apenas justiça social, mas eficiência econômica, com altos retornos para a coletividade. Ao final, *Giving kids a fair chance (a strategy that works)* se estabelece

como um marco no debate sobre políticas públicas baseadas em evidências. Combina o rigor científico da economia com a sensibilidade social da psicologia do desenvolvimento e da sociologia, oferecendo uma visão clara e contundente sobre onde, como e por que devemos investir para construir um futuro menos desigual.

A leitura de *Giving kids a fair chance (a strategy that works)* lança luz sobre uma contradição marcante na realidade brasileira: o país investe desproporcionalmente mais em ensino superior do que na educação infantil, ignorando o que estudos como os de Heckman demonstram de forma incontestável - que os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento humano. Enquanto universidades públicas concentram recursos vultosos para uma parcela reduzida da população, em geral mais favorecida socioeconomicamente, creches e pré-escolas enfrentam crônica escassez de recursos, infraestrutura precária e baixa valorização profissional. Esse desequilíbrio compromete a eficácia das políticas de igualdade de oportunidades no Brasil, perpetuando as desigualdades sociais desde o berço.

Ao negligenciar a primeira infância, o Brasil incorre em desperdício de capital humano, além de comprometer os resultados futuros em áreas como segurança pública, produtividade e saúde. O argumento de Heckman é especialmente pertinente no contexto nacional, onde a desigualdade é histórica e estrutural: crianças que nascem em comunidades pobres raramente encontram o suporte necessário para desenvolver habilidades cognitivas e socioemocionais básicas. Investimentos em programas de desenvolvimento infantil, formação parental e apoio a famílias vulneráveis seriam não apenas mais justos, mas também mais eficazes e sustentáveis do que os investimentos tardios em políticas de compensação social. A obra, nesse sentido, representa um alerta claro: sem prioridade à primeira infância, o Brasil continuará enxugando gelo em suas políticas sociais.

